

Elizabeth Montfort

---

# Carlos e Zita de Habsburgo

Itinerário espiritual de um casal

**Prefácio à edição portuguesa**

D. Nuno Brás, bispo do Funchal



## **Prefácio à edição portuguesa**

A vida espiritual é «a vida no Espírito». É quando alguém aceita viver a sua existência mergulhado no oceano de amor que é Deus, e fá-lo deixando-se paulatinamente transformar por Ele, permitindo-Lhe que converta a sua concreta vida humana, e a divinize. No fundo, a vida espiritual consiste no caminho de identificação cada vez maior com Jesus Cristo. Isso mesmo reconhecemos na vida do Beato Carlos e na sua vida de matrimónio com a Serva de Deus e sua esposa, a imperatriz Zita.

Quando, a 17 de agosto de 1887, Carlos de Habsburgo nasceu, o horizonte da sua vida estava bem longe do peso que iria efetivamente carregar sobre os ombros: era apenas o sexto na linha da sucessão (o que significa que seria necessário um conjunto de muito graves acontecimentos para que, algum dia, pudesse vir a ser imperador); a Casa dos Habsburgos tinha um lugar seguro no espectro da política europeia; o equilíbrio entre os vários povos do império, conseguido por Francisco José, permitia, com alguma segurança, imaginar-lhe uma vida tranquila. Para além disso, a própria personalidade do imperador (nas palavras do P. Geggerle, Carlos «era

franco, piedoso, modesto, de consciência muito delicada») não fazia prever uma carreira política, muito menos como chefe do Império Austro-Húngaro.

Carlos parecia antes ter sido pensado por Deus para uma vida longa e feliz, sem outras preocupações que as de viver plena e felizmente o tempo que lhe era oferecido – um daqueles seres humanos a quem, no berço, foi dada a felicidade para que a espalhe à sua volta.

Não espanta, por isso, que, quando lemos a narração do noivado, do casamento e dos primeiros anos de matrimónio do arquiduque Carlos com Zita de Bourbon-Parma, nos fique a sensação de um casal que atingiu a quase perfeição – uma família de príncipes que se amam e vivem num belo castelo, com uma bela família, num belo país: não muito longe de um filme romântico de Hollywood, rodado por entre castelos e palácios, com o bem-estar que caracterizava a Casa Imperial. Momentos semelhantes à chamada «Primavera da Galileia» que os Evangelhos nos contam sobre Jesus e os primeiros tempos da sua vida pública.

Mas sabemos que, logo desde o início (e mesmo na tranquilidade pacífica e feliz), a Carlos e a Zita não bastou aquela realidade humanamente idílica, quase paradisíaca. No coração de ambos encontrava-se já uma procura séria da identificação com Cristo: «Agora devemos ajudar-nos mutuamente a ir para o céu», como afirmou o Beato Carlos no dia do noivado. Ou, ainda mais, a vontade expressa na frase que o futuro imperador fez gravar no interior das duas alianças do Matrimónio: «Sub tuum praesidium confugimus» («À tua proteção nos acolhemos»: o início da mais antiga antífona da Virgem Maria), sinal da vontade mútua de que o seu amor conjugal fosse sempre vivido no seio e na procura daquele amor primeiro e maior que é o Amor de Deus. Recordemos que neste caminho consiste a «espiritualidade conjugal», tão bem desenvolvida por vários movimentos ao longo do século XX.

Contudo, como sucedeu com Jesus nos Evangelhos, tudo mudou radicalmente no espaço de alguns meses. Uma sucessão tão vertiginosa quanto improvável de acontecimentos conduziram a que o

impensável passasse a realidade, e já por altura do casamento Carlos tinha a consciência de que (previsivelmente por volta dos anos 40 do século XX) herdaria a coroa imperial. Mas o dia 28 de junho de 1914 precipitou ainda mais os acontecimentos: Francisco Fernando e a sua esposa foram assassinados em Sarajevo, e Carlos passou de imediato a primeiro sucessor do seu tio-avô, o velho imperador Francisco José.

Para além disso, a complexidade da política internacional transformou tudo num turbilhão de acontecimentos: o império declarou a guerra, colocando em marcha o primeiro conflito mundial – uma guerra que todos diziam querer evitar, mas que muitos secretamente desejavam e planeavam: era a oportunidade de desferir um golpe fatal no velho mundo europeu e católico, e de fazer nascer um novo modo de vida, uma nova Ordem Mundial. Foi um precipitar de acontecimentos que pareceram escapar ao domínio dos seus protagonistas – seja porque estes não se deram conta do perigo, seja porque algo semelhante a uma «mão invisível e má» parecia conduzir o suceder da história e impedir a paz.

O paraíso idílico dos primeiros anos transformou-se, deste modo, num pesadelo enorme – uma verdadeira cruz, agora carregada por um jovem imperador que, sem qualquer interferência no despoletar da guerra, se via com a missão de minorar os seus efeitos e de lhe pôr fim tão depressa quanto possível. Os braços da cruz aparecem cada vez mais claros no horizonte – ou, nas palavras de Anatole France: Carlos «foi o único homem de valor a aceder, durante a guerra, a um posto de alta responsabilidade. Mas ninguém lhe deu ouvidos. Ele desejou sinceramente a paz e foi por essa razão que apenas lhe deram desprezo».

Mas esta foi uma cruz partilhada. A vontade do casal imperial de caminhar para a santidade como família manteve-se firme. Agora, mais que nunca, Carlos e Zita deveriam apoiar-se mutuamente na tarefa de construir a paz no mundo e de ajudar todos os membros do império a conseguir vidas mais dignas. Tudo isso mantendo a unidade da vida familiar, a educação segura e certa dos filhos que Deus lhes ia concedendo com abundância.

Incompreendido por uns, olhado com sobrançeria por outros, colocado à margem por tantos outros (mesmo pelos seus oficiais e ministros), o imperador viu a sua possibilidade de intervenção cada vez mais reduzida por não ser um entusiasta da guerra e da derrota completa dos adversários.

A final derrota militar alemã e austro-húngara na Primeira Guerra, as duas tentativas malogradas para recuperar a condução dos destinos da Hungria, juntamente com a recusa de abdicar de uma missão que sempre viu como recebida de Deus, cedendo a pressões de vários quadrantes, tornaram o imperador num alvo fácil, alguém não suportável no seio do que se desejava como «nova Europa».

O destino do casal imperial foi traçado: o exílio na Madeira. Ao chegar à ilha portuguesa, perdida no meio do Atlântico, que perdidos tinha o imperador? Que lhe fosse permitido ter a Eucaristia em sua casa. O conforto, o serviço de empregados, a distração que lhe fizesse voar para longe a angústia – tudo isso era secundário relativamente à Presença Eucarística e à sua família: sempre o caminho de uma maior identificação com Jesus.

Sabemos como o Gólgota de Carlos não tardou a crescer. E sabemos também como a sua identificação com Cristo se tornou cada vez mais real; e como Zita, os filhos e os poucos amigos que com ele partilharam aqueles últimos momentos na Quinta do Monte aprenderam dele a presença e a intensidade da cruz: «Sempre me esforcei por reconhecer e fazer a vontade de Deus, tão bem quanto possível», diz no meio da agonia, no meio de um sofrimento vivido unido a Cristo. Mas a última palavra é para a esposa: «Amo-te infinitamente. Encontrar-nos-emos no Coração de Jesus».

Zita, junto ao imperador que morre pobre e abandonado por todos, recebe o testemunho final do amor que jamais a abandonará e que fará dela a «imperatriz coragem». Ou, em palavras do seu neto Rudolfo, «exemplo de esposa, de mãe de família e de viúva, mas de uma viúva cujo marido existia a seu lado». Ao longo de 67 anos irá educar os filhos, promover infatigavelmente ações de caridade para com os mais desfavorecidos, lutar pelo seu país, sempre

na humildade e unida ao marido. E sempre animada pela fé e pela oração constante.

Ou, como afirma a autora do presente volume: «Carlos e Zita viveram plenamente as duas dimensões do Matrimónio cristão, a aliança e a oferenda. A sua aliança conjugal mergulhou na aliança com os seus povos por ocasião da unção e da coroação em Budapeste. Assim o declara Carlos: “Ser rei não é satisfazer uma ambição, mas sacrificar-se pelo bem de todo o povo”» (pág. 204).

+ *Nuno, Bispo do Funchal*

## Prefácio

Se olharmos para o mundo de hoje, seremos forçados a concordar que a situação é, no mínimo, francamente má: já não há homens ou mulheres de Estado à frente dos países, e ainda menos santos; a Igreja é atacada por todos os lados, as leis democraticamente proclamadas são o oposto dos ensinamentos de Cristo e da Igreja, a eliminação dos mais fracos passou a letra de lei; a família já não é uma referência... e assim podia eu continuar indefinidamente.

Como reagir? Todos somos chamados à santidade, mas por onde começar? Felizmente, a Igreja proclama beatas, e depois santas, pessoas, muitas vezes como nós, que quiseram percorrer um caminho radical, porque não nascemos santos mas podemos, ao longo de toda a nossa vida, escolher em cada momento: «Digo sim ou não a Deus?». Se, dia após dia, o «sim» prevalece, tendemos para a santidade, mas não nos devemos iludir, porque isso exige heroísmo. Os beatos e os santos fizeram essa caminhada. Mas, na origem, eles são tão diferentes uns dos outros que conseguimos facilmente encontrar um exemplo que nos diga alguma coisa e que possamos imitar. Madre Teresa, João Paulo II, Charles de Foucauld e o Irmão André, sendo todos diferentes

na nacionalidade, na origem e na educação, percorreram o mesmo caminho. Recentemente, a Igreja proclamou «santos» Zélia e Luís Martin, os pais de Santa Teresa de Lisieux. As famílias podem deixar-se desafiadas por esse exemplo extraordinário, apesar de já vir do século XIX.

Mais próximos dos nossos tempos, porque as suas vidas «acumuladas» cobrem praticamente todo o século XX, o beato imperador Carlos e a serva de Deus Zita são outro exemplo. Existem dois processos canónicos diferentes para este casal, porque a imperatriz Zita ficou viúva ainda durante os 67 anos que se seguiram à morte do marido. No entanto, eles foram unidos perante Deus e os homens pelo sacramento do matrimónio. Não deixa de ser interessante verificar que São João Paulo II escolheu, para o meu avô, ao contrário do que é habitual, a data do seu casamento como data de inscrição no calendário litúrgico dos santos, em vez da data da sua entrada no céu.

Pouco antes da sua morte, em 1922, o imperador Carlos dizia à minha avó: «Sempre e em todas as coisas, aplico-me a encontrar tão claramente quanto possível a vontade de Deus e depois a segui-la tão completamente quanto possível». Será que eles conseguiram realizar esse extraordinário programa de vida que, se a Igreja assim o reconhecer, os levou juntamente até à proclamação da santidade?

É precisamente este itinerário espiritual que Elizabeth Montfort traz à luz através de todas as etapas das suas vidas. Seguindo o fio condutor anunciado no título *Carlos e Zita de Habsburgo – Itinerário espiritual de um casal*, a autora toma-nos pela mão e permite-nos, passo a passo, com os meus avós, avançar ao longo deste livro e penetrar na sua espiritualidade.

Os problemas que o imperador Carlos e a imperatriz Zita enfrentaram no início do século XX eram enormes, mas eles conseguiram manter o rumo no meio da tormenta. Mesmo quando, humanamente, não viam saída, mantiveram uma confiança inabalável na Providência. No nosso tempo os problemas são diferentes, mas precisamos igualmente de manter o rumo. Tiremos, pois, forças do seu exemplo.

Conheço a autora há muito tempo e fiquei muito satisfeito quando ela aceitou fazer parte do conselho da Associação para a

Beatificação da Imperatriz Zita, função que logo acumulou com a de secretária-geral da associação e que desempenha com dinamismo, competência e entusiasmo. Para além de ser esposa e mãe de uma família numerosa, Elizabeth Montfort guia a sua ação por fortes convicções. Foi deputada ao Parlamento Europeu entre 1999 e 2004 e bateu-se pelas raízes cristãs da Europa. Autora de um excelente livro sobre o género<sup>1</sup>, empenhou-se também, entre outras questões, pelo respeito da vida e pela dignidade da família.

Este percurso de vida coloca-a numa situação ideal para compreender os meus avós e, sobretudo, o facto de a vida espiritual ter sido o «fio condutor» que condicionou a sua ação. Isto sobressai sem dúvida neste livro.

O meu maior desejo é que esta obra possa ajudar um grande número de leitores e muitos casais a terem a vontade de seguir o caminho apontado pelos meus avós e que, por intercessão deles, obtenham por seu turno as graças de força e de heroísmo que lhes permitam avançar rumo à santidade.

A minha avó, que era também minha madrinha, utilizava frequentemente, em alemão, a bonita expressão «Que Deus lhe pague!».

E, depois de ter lido este livro, também eu gostaria agora de dizer, de todo o coração, «*Vergelt's Gott*, Mme. Montfort!»

Arquiduque Rudolfo da Áustria

---

<sup>1</sup> *Le Genre en Question*, Valence, Peuple Libre, 2012.

## Introdução

Este livro não é só mais uma biografia a juntar à lista já longa das obras sobre Carlos e Zita, os últimos imperadores da Áustria e da Hungria. Duas testemunhas próximas dos jovens esposos já o fizeram.

Em 1924, o barão Carlos de Werkmann, secretário pessoal de Carlos, escreveu *Le Calvaire d'Un Empereur*<sup>1</sup>.

Em 1930, o conde Polzer-Hoditz, conselheiro de Carlos e depois seu chefe de gabinete, escreveu *L'Empereur Charles*<sup>2</sup>.

Em França, coube ao jornalista e historiador Jean Sévillia dar a conhecer estas duas pessoas tão sedutoras com *Zita, l'Impératrice Courage*<sup>3</sup>, em 1997, e *Le Dernier Empereur, Charles d'Autriche*<sup>4</sup>, escrito em 2009 após a sua beatificação a 3 de outubro de 2004, em Roma. O autor preside atualmente à Associação para a Beatificação da Imperatriz

---

<sup>1</sup> Paris, Payot, 1924.

<sup>2</sup> Conde Polzer-Hoditz, *L'Empereur Charles et la Mission Historique de l'Autriche*, Paris, Grasset, 1934.

<sup>3</sup> Paris, Perrin, 1997.

<sup>4</sup> Paris, Perrin, 2009.

e Rainha Zita, Esposa e Mãe de Família, cuja causa foi aberta em 2009 na diocese de Mans.

Passei por cima de muitos acontecimentos que o leitor poderá encontrar nessas biografias e retive aqueles que permitem vislumbrar o caráter, o coração e a alma de Carlos e Zita.

Iniciada como um conto de fadas, por um casamento de amor, a sua vida torna-se numa tragédia: guerra, calúnias, traições, solidão, exílio, morte prematura de Carlos... E, no entanto, nunca eles manifestaram qualquer amargura ou crítica. Muito pelo contrário, era o perdão que alimentava os seus corações.

Qual é, então, o segredo da sua vida de esposos que lhes permitiu conservar essa atitude humanamente tão difícil, quicá impossível? É o que vamos tentar perceber através deste livro, percorrendo com Carlos e Zita a sua vida de fé, coragem e abandono à Divina Providência; uma vida de oblação pelos seus povos que culmina no sacrifício último da própria vida por parte de Carlos. Sacrifício ao qual Zita se associa de forma plena, embora dolorosa. Uma vida que se resume em duas frases de Carlos: «Agora, devemos ajudar-nos mutuamente a ir para o Céu», na manhã do seu casamento, e «Amo-te infinitamente. Encontrar-nos-emos no Coração de Jesus», alguns instantes antes de entregar a sua alma ao Pai.

Que este livro possa ser para nós um convite a tomar esse caminho de santidade proposto a todos os batizados e aos homens de boa vontade!